

A EXISTÊNCIA DE ADJETIVOS EM GUAJÁ

Danielly Portes Schelle

(danyschelle@gmail.com)

Projeto de Curso – Professora: Marina Maria Silva Magalhães

Resumo

Uma discussão interessante e amplamente conhecida no âmbito dos estudos sobre as línguas da Família Tupí-Guaraní (FTG) é o tema categorias lexicais, uma vez que não há unanimidade entre os pesquisadores em considerar as palavras com semantismo adjetival como verbos ou como nomes. Tal divergência ocorre em razão de: i) essas línguas apresentarem grande quantidade de morfologia transcategorial (compartilhada entre nomes e verbos – e posições); ii) não se poder atribuir exclusividade às funções de predicado e argumento a verbos e nomes, respectivamente. O Guajá, classificado como pertencente ao subgrupo IV da FTG (Rodrigues, 1984/85 e Cabral, 1996), teve sua morfossintaxe descrita pela primeira vez no trabalho de Magalhães (2007), que apresentou, além das classes de nomes e verbos, uma classe de adjetivos, na análise da língua. No entanto, a mesma autora reformulou sua análise mais recentemente e o Guajá tem sido descrito atualmente como uma língua que não apresenta uma classe formal produtiva de adjetivos e que diferencia nomes de verbos por critérios morfossintáticos. As palavras com semantismo adjetival têm sido descritas como uma subclasse de verbos intransitivos: os verbos estativos, conforme Magalhães e Mattos (2014). No entanto, é possível que uma pequena aparente subclasse de nomes denominados de “qualificadores” em Magalhães (2007:152) possa representar a existência bem limitada de adjetivos na língua, conforme proposto por Dixon (1977). Por meio do presente artigo pretendemos investigar, de acordo com os critérios que diferenciam nomes e verbos na língua, e de acordo com a discussão proposta em Dixon (op.cit), se faz sentido se propor que há uma pequena classe de adjetivos na língua Guajá, ou se tais itens lexicais são mesmo uma subclasse de nomes.

Palavras-chave: Língua Guajá, Família Tupí-Guaraní, classes de palavras, adjetivos

Introdução

Dixon (1977) define a classe dos adjetivos como sendo uma classe numericamente limitada e expressando valores semânticos muito específicos como dimensão, cor, idade, propensão humana, valor, propriedade física e velocidade. Defende que muitas línguas que aparentemente teriam sido descritas como apresentando uma classe separada de adjetivos, na verdade expressam tais significados por meio de nomes ou verbos. O que, formalmente define a existência independente de uma classe de adjetivos seria a propriedade de funcionar essencialmente como modificador dentro de um sintagma nominal ou verbal. Creissels (2006,

p. 202), por sua vez, apresenta a grande diversidade morfossintática em que os adjetivos podem se manifestar nas línguas e afirma que:

En règle générale, l'appartenance d'un lexème à une classe d'adjectifs se concrétise par la possibilité de s'employer avec certaines caractéristiques morphosyntaxiques, d'une part en fonction prédicative, d'autre part comme dépendant de nom. Mais il peut arriver que des lexèmes assument le rôle de dépendant de nom comme des adjectifs tout en étant inaptes à la fonction prédicative, ou inversement que des lexèmes fonctionnent prédicativement comme des adjectifs tout en étant inaptes au rôle de dépendant de nom.¹

No que se refere à língua Guajá, ela foi primeiramente descrita por Magalhães (2007) como contendo uma classe formal de adjetivos, mas em publicações mais recentes, a autora defende que há apenas as classes nomes, verbos, advérbios e posposições como classes principais de palavras, considerando as palavras com semantismo adjetival uma subclasse dos verbos intransitivos: os verbos estativos.

De acordo com Magalhães e Mattos (2014), no Guajá tanto o “nome” quanto o “verbo” podem funcionar como predicado ou argumento.

Nas línguas da família Tupí-Guaraní em geral, o uso do critério sintático, em que a função básica do nome é a de ser argumento e a do verbo é a de ser predicado, é insuficiente para tratá-los como duas classes lexicais distintas.

Em Guajá, como veremos mais à frente, há critérios sintáticos e morfológicos suficientes para distinguir uma classe da outra.

Dessa maneira, mesmo que a função predicativa seja comum a nomes e verbos, pode-se afirmar que na língua Guajá há evidências morfossintáticas suficientes para se diferenciar uma classe da outra.

No entanto, um pequeno conjunto de palavras, que foi apresentado em Magalhães (2007) como “nomes qualificadores” e que ocorrem associados a outros nomes, designando uma qualidade ou característica destes, merece ser melhor investigado para que se defina se poderiam representar a manifestação da classe dos adjetivos no Guajá.

A partir do detalhamento formal acerca das características das categorias lexicais nomes e verbos do Guajá, propomos investigar e fornecer evidências sobre a melhor forma de classificar tais palavras e assim aprofundarmos o estudo acerca das categorias lexicais da língua.

1 Uma primeira análise acerca da existência de adjetivos em Guajá

¹ Tradução nossa: “De maneira geral, o pertencimento de um lexema a uma classe de adjetivos se concretiza pela possibilidade de se empregá-lo em algumas funções morfossintáticas: de um lado, em função predicativa, de outro, como dependente de nome. Mas pode acontecer que esses lexemas assumam o papel de modificadores de nome e tenham todos uma incapacidade para a função predicativa, ou vice-versa, que os lexemas todos funcionem como predicados e sejam incapazes de assumir o papel de modificadores de nomes.”

Em 2007, Magalhães defendeu, em sua tese, a existência de uma classe de adjetivos em Guajá, tomando como base as análises de Givón (2001), Hooper e Thompson (1984) e Dixon (1977).

Givón (2001, apud. Magalhães 2007) retoma Aristóteles ao dividir o vocabulário das línguas em dois tipos gerais: palavras lexicais (codificam conceitos estáveis e culturalmente compartilhados) e não lexicais (codificam funções gramaticais e são representadas por muitas e pequenas classes). As quatro principais classes gramaticais segundo ele são: nomes, adjetivos, verbos e advérbios. São definidos por critérios semânticos, morfológicos e sintáticos.

No que se refere à semântica, o autor propõe que as classes dos nomes, adjetivos e verbos sejam separadas por quatro critérios: estabilidade temporal, complexidade, concretude e compacidade espacial. De acordo com ele, experiências e fenômenos mais estáveis no decorrer do tempo tendem a ser lexicalizados como nomes. O contrário ocorre com os verbos, pois denotam experiências de curta duração, são temporalmente compactos, mas espacialmente difusos.

Com relação aos adjetivos, essa generalização se complica. Nas línguas em que esta classe está presente, ela se encaixa entre os nomes e os verbos, ocupando uma posição intermediária. Possuem propriedades físicas duráveis dos nomes, contudo, adjetivos mais prototípicos são mais abstratos e têm menos estabilidade temporal que os nomes. Adjetivos menos prototípicos indicam estados temporários, o que os aproxima dos verbos.

Além de Givón (2001), Hooper e Thompson (1984, apud. Magalhães, 2007) também são citados para embasar a hipótese de Magalhães (2007) sobre a existência de uma classe de adjetivos na língua Guajá. Ela se baseia nas afirmações dos autores ao alegarem que há uma desproporcionalidade nas línguas quanto à percepção de categorias gramaticais. Segundo os autores, a prototipicidade não depende apenas de propriedades semânticas, mas, também, de funções linguísticas no discurso. Hooper e Thompson mostram ainda que em algumas línguas há determinadas raízes que podem ocorrer com morfologia verbal e com morfologia nominal, isso ocorre em áreas semânticas que se aproximam das percepções estáveis e instáveis.

Em Tupí-Guaraní, as palavras com semântica típica de adjetivo são tratadas por vezes como “nomes de qualidades” (Rodrigues, 2001a, para o Tupinambá, apud. Magalhães, 2007), outras vezes como “substantivos” (Dietrich, 2001, para as línguas da família Tupí-Guaraní, apud. Magalhães, 2007), ora como “verbos descritivos” (Seki, 2000, para o Kamaiurá e Jensen, 1989, para o Wayampi, apud. Magalhães, 2007) ou também como “classe dos estados” (Queixalós, 2006, para a família Tupí-Guaraní, apud. Magalhães, 2007).

Dixon (1977) sustenta que há sete tipos semânticos que podem compor a classe dos adjetivos em línguas que justificam sua existência: dimensão, propriedade física, cor, propensão humana, idade, valor e velocidade. Em Guajá, seis desses tipos semânticos citados, estariam incluídos: dimensão, propriedade física, cor, idade, valor e velocidade. Assim, em termos semânticos, ocupariam a posição intermediária na escala de estabilidade temporal e diferentemente dos nomes prototípicos, seriam conceitos abstratos formados por traços simples.

Morfologicamente, os lexemas que Magalhães (2007) denominou de adjetivos na época se diferenciariam dos nomes e verbos por serem a classe de palavras que admite flexão relacional, todavia não admite a flexão pessoal, que é própria dos verbos, tampouco a flexão

com o sufixo *-a*, própria dos nomes. Tais palavras podem ocorrer como núcleos de predicados intransitivos estativos (ex. 1), como modificadores de núcleos nominais (ex. 2), além de poderem exercer a função argumentativa secundária (ex. 3), ou seja, receber um sufixo nominalizador quando em função de argumento²³:

1. *ha = r-ahý*

1 = R¹-doente

‘eu estou doente’

2. *a-pyhý* *ha = Ø -taký* *Ø -mukú-a* *rí*
 2/IMP-pegar 1 = R¹-faca R¹-comprida-N logo
 ‘pegue logo a minha faca comprida’

3. *Ø -pá* *h-ahy-há- Ø*
 3-acabar R²-doente-NZR-N
 ‘a doença dele acabou’

Sintaticamente, adjetivos se distinguiriam de nomes e verbos, por se combinarem com uma partícula intensificadora própria (exs. 4 e 5):

4. *h-akú* *katá*
 R²-quente bem
 ‘está bem quente’

5. *i-wiwí* *katá*

² Os exemplos trazidos a cotejo (1 a 18) foram extraídos da tese de Magalhães (2007: 22-29).

³ Lista de abreviaturas utilizadas: ABL – ablativo; CAUS - causativo ; COL - coletivizador; CONJ – partícula conjuntiva aditiva; CONS – subordinador de consecutividade; DAT - dativo; DEM - demonstrativo; FUT - futuro; GER – subordinador do modo gerúndio; HUM – 3ª pessoa humano não referencial; IMED – partícula de aspecto imediativo; INDII – sufixo do modo Indicativo II; INTS – sufixo de intensidade; LOC – sufixo locativo; MOSTR – partícula mostrativa; N – sufixo nominal referenciante; N.PR. – nome próprio; NEG - negação; NZR – nominalizador; PLU – partícula pluralizadora de sujeito; POS1 – partícula posicional ‘em movimento’; PROJ – partícula de aspecto projetivo; PROSP – sufixo de atualização prospectiva; R – marca de adjacência; REAL – partícula epistêmica de pressuposição; RETR – sufixo de atualização retrospectiva; SING.EST – singular estático.

R²-leve bem
'está bem leve'

Tal argumento, no entanto, foi posteriormente avaliado como insuficiente para distinguir uma classe separada de adjetivos, já que os verbos do Guajá também se combinam com uma partícula intensificadora muito similar a esta, o *katy* 'bem'.

Adjetivos e nomes se assemelhariam por compartilharem a mesma estrutura sintagmática do predicado. No entanto, cada uma das três classes formaria tipos distintos de predicados, cada um deles se comportando de uma forma diferente na língua (exs. 6, 7 e 8):

6. *ha = r-axỹ*

1 = R¹-frio

(predicado formado por descritivo)

'eu estou frio'

7. *ha = r-ipá*

1 = R¹-casa

(predicado formado por nome)

'eu tenho casa'

8. *a-wyhỹ*

1-correr

(predicado formado por verbo)

'corri'

Tal argumento também não justifica a determinação de uma classe de adjetivos, uma vez que a estrutura sintagmática dos dois primeiros tipos de predicados é transcategorial, compartilhada por nomes e posições. Além disso, se considerarmos, como Magalhães & Mattos (2014), essas palavras como verbos estativos, também faria sentido afirmar que elas compõem um outro tipo de predicado e reafirmaria o caráter transcategorial dessa estrutura.

Adjetivos e verbos, por sua vez, se assemelhariam por possuírem função argumentativa secundária (exs. 9 e 10), enquanto os nomes têm função argumentativa primária (ex. 11). Também não se combinam com morfemas que são próprios de nomes – somente quando são nominalizados pelo sufixo -ha ~ -aha ~ -a – (exs. 12 e 13), são nominalizados quando núcleos de um sintagma genitivo (ex. 14) e, tanto adjetivos (exs. 15 e 16, respectivamente) como verbos (exs. 17 e 18, respectivamente), poderiam ser núcleos de orações adverbiais finais e consecutivas:

9. \emptyset -*inẽ* *h-aku-há- \emptyset*
 3-permanecer R²-quente-NZR-N
 ‘a febre dele permanece’
10. \emptyset -*nũ* *h-amakaj-há- \emptyset*
 3- ouvir R²-gritar-NZR-N
 ‘ouviu o grito dele’
11. \emptyset -*ikwẽ* *h-ajma- \emptyset*
 3-viver R²-bicho.de.estimacão-N
 ‘o bicho de estimacão dele vive’
12. *h-ahy-á-er-a*
 R²-doente-NZR-RETR-N
 ‘a doença (passada) dele’
13. \emptyset -*jaho-á-er-a*
 R²-ir-NZR-RETR-N
 ‘a ida passada dele’
14. *ha = n-imá* *n-ahý-á-e* \emptyset -*mumu ’ũ-á-en-a*
 1 = R¹-animal.de.criao R¹-doença-NZR-RETR R¹-narrar-NZR-RETR-N
 ‘a narrao da doença do meu animal de estimacão’
15. *a-’ú* *tá* *ha = \emptyset -kirá = pa*
 1-comer PROJ 1 = R¹-gordo = GER
 ‘eu vou comer para ficar gordo’
16. *a-jahó* *tá* *ha = r-ipá-pe* *i-kirá* *nẽ*
 1-ir PROJ 1 = R¹-casa-LOC R²-gordo CONS
 ‘eu voltarei para a minha casa depois que ele engordar’

17. *a-jahó* *matá* *u- 'ú = pa*
 1-ir PROJ R²-comer = GER
 ‘eu vou para comer’

18. *Ø -ahó* *ha-já* *i- 'ú* *nẽ*
 3-ir R²-de R²-comer CONS
 ‘saiu de lá depois de comer’

Tais semelhanças entre verbos e a suposta classe dos adjetivos apresentadas em Magalhães (2007), sendo atualmente reavaliadas, parecem deixar claro que as palavras com semantismo adjetival deveriam ter sido classificadas como uma subclasse de verbos, como fizeram posteriormente Magalhães & Mattos (2014).

No entanto Magalhães (2007) considerou equivocadamente a existência da classe independente dos adjetivos apoiando sua análise nas características semânticas, morfológicas e sintáticas próprias que essas palavras apresentariam, ora se assemelhando à classe dos nomes e ora se assemelhando à classe dos verbos, mas se distanciando de ambas ao mesmo tempo.

Tal análise, como aqui citado, foi considerada equivocada pela própria autora, alguns anos mais tarde, quando reavaliou que os critérios morfológicos e sintáticos apresentados não eram suficientes para justificar uma diferenciação entre as palavras com semantismo adjetival e os verbos, em Guajá⁴.

2 Uma nova análise para a classe dos estados

No artigo “Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá”, Magalhães e Mattos (2014) apresentam uma nova análise para a classe dos estados, anteriormente classificada como adjetivos, passando a classificá-la como verbos estativos e defendendo que a língua apresenta intransitividade cindida. Para embasar sua análise, apresentam diferenças sintáticas e morfológicas entre as classes dos nomes e dos verbos da língua.

No Guajá, nomes e verbos podem exercer a função sintática de predicado, ou seja, têm função predicativa primária sem cópula ou qualquer outro recurso morfossintático, não se podendo associar apenas ao verbo uma vocação predicativa.

⁴ Esta nova reflexão sobre o tema foi relatada pela autora a mim em comunicação pessoal.

Observa-se, assim, o mesmo comportamento morfossintático entre nomes (ex. 19) e verbos (ex. 20) quando estes instituem a função de predicado: a função predicativa não é marcada morfológicamente, ou seja, a ausência de marca indica a função predicativa⁵:

19. *ha = r-a'y* nome com função de predicado

1.II = R-filho

‘eu tenho filho’

20. *a-kere* verbo com função de predicado

1.I-dormir

‘eu dormi’

Os nomes, no entanto, diferentemente dos verbos, têm maior ocorrência como núcleo de argumento que como predicado, enquanto os verbos têm maior ocorrência como núcleo de predicado que como argumento, como ilustra o exemplo (21) abaixo.

Magalhães & Mattos (2014) afirmam ainda que é importante esclarecer que, nesta língua, somente os nomes têm função argumentativa primária, isto é, podem exercer a função sintática de argumento sem que necessitem de um morfema derivacional, bastando apenas que apresentem flexão com o sufixo nominal referenciante *-a* ~ \emptyset (glosado como N). Assim, nomes ocorrem como argumentos verbais (sujeito e objeto) (exs. 21 e 22, respectivamente) e como argumentos de posições (ex. 23):

21. *ha = r-a'yr-a* \emptyset -*kere*

1.II = R-filho-N 3.I-dormir

‘meu filho dormiu’

22. *majhu-a arapaha- \emptyset \emptyset -mukũ*

jiboia-N veado-N 3.I-engolir

‘a jiboia engoliu o veado’

23. \emptyset -*u ramõ te Majhuxa'a ka'a r-ia a'ia*

3.I-vir IMED REAL N.PR. mata R-ABL ele

‘Majhuxa’a tinha acabado de vir da mata’

⁵ Os exemplos de 19 a 34 foram retirados de Magalhães (2014: 253-256).

Os verbos, por sua vez, caracterizam-se por exercer função argumentiva secundária, isto é, quando em função de argumento têm de ser derivados, como em (24) abaixo, em que ao núcleo verbal é afixado o morfema nominalizador *-ha*:

24. *ha = Ø-kere-ha-Ø* *i-muku*
1 = R-dormir-NZR-N 3.II-ser.longo
'minha dormida foi longa'

Além dessa diferença sintática, nomes e verbos podem ser identificados como duas classes lexicais distintas com base em critérios morfológicos, já que a possibilidade ou não de ocorrência de morfemas específicos da classe dos nomes permite também diferenciá-la da classe dos verbos, como veremos a seguir.

Morfologicamente, os nomes caracterizam-se por constituírem a única classe lexical que:

- admite flexão com o já citado sufixo nominal referenciante *-a* (ex. 21 acima),
- ocorre com o sufixo casual locativo *-pe* (ex. 25),
- recebe os sufixos de atualização nominal *-ker* e *-rỹm* (exs. 26 e 27, respectivamente) e
- ocorre com o sufixo coletivizador *-ker* (ex. 28).

25. *a-jku* *ta* *ha = r-ipa-pe*
1.I-ficar FUT 1.II = R-casa-LOC
'vou ficar na minha casa'

26. *t-ipa-ker-a*
HUM-casa-RETR-N
'casa abandonada (ou destruída)'

27. *t-ipa-rỹm-a*
HUM-casa-PROSP-N
'casa projetada (ou em construção)'

28. *awa* \emptyset -*warihã-ker-a* *i-mymyr-a* \emptyset -*pyhy* *wỹ*
 Guajá R-macho-COL-N R-filho-N 3.I-pegar PLU
 ‘a homenzarada pegou seus filhos’

Os verbos, por sua vez, caracterizam-se morfologicamente por não admitirem flexão com os sufixos citados acima, exclusivos dos nomes. Além disso:

- somente verbos podem ser nominalizados por meio dos diferentes morfemas nominalizadores existentes na língua: *-ahar*, nominalizador de agente de verbo transitivo (ex. 29); *-ipyr*, nominalizador de paciente sem expressão do agente (ex. 30); *-imi*, nominalizador de paciente com agente exposto (ex. 31), *-aha*, nominalizador de circunstância/lugar (ex. 32);
- somente verbos podem ser causativizados por meio dos diferentes morfemas causativos: *-mi*, causativo direto (ex. 33) e *-ka*, causativo indireto (ex. 34).

29. *a'e* *i-pyhyk-ahar-a*
 DEM 3.II-pegar-NZR-N
 ‘ele é o pegador (dele)’

30. *arapaha* \emptyset -*ika-pyr-y'ỹm-a* *a-ika-ta*
 veado R-matar-NZR-NEG-N 1.I-matar-FUT
 ‘eu vou matar o veado que não foi morto’

31. *ha=n-imi-'u-a*
 1.II=R-NZR-comer-N
 ‘minha comida’

32. *a-nũ* *wari* \emptyset -*jãn-aha- \emptyset*
 1.I-ouvir guariba R-cantar-NZR-N
 ‘eu ouvi o canto do guariba’

33. *Hosana- \emptyset* *Amỹxa'ate-a* \emptyset -*mi-juhu* *'y-pe*
 N.PR.-N N.PR.-N 3.I-CAUS-banhar.se rio-LOC
 ‘Rosana banhou Amỹxa’atea no rio’

34. *jaha* 'y-a a-'u-ka *karai* *i-we-ma'a-ke* \emptyset -pe
 eu água-N1.I-ingerir-CAUS não.índio 3.II-ter.sede-NZR-RETR R-DAT
 'eu fiz o não índio sedento ingerir água'

Assim, há elementos morfossintáticos suficientes para diferenciar essas duas classes lexicais uma da outra.

Os verbos em Guajá podem ser divalentes ou monovalentes, conforme o número de argumentos que aceitam. Os verbos divalentes aceitam um argumento interno e outro externo e os verbos monovalentes aceitam apenas um argumento, interno ou externo.

Considerando, na nova análise, que as palavras com semantismo adjetival funcionam como verbos, Magalhães e Mattos explicam que a classe dos verbos pode ser subdividida em verbos eventivos e estativos. Suas diferenças morfológicas e semânticas são que os verbos eventivos podem ser monovalentes (expressam a categoria de pessoa por meio de marcadores pessoais da série I)⁶ ou divalentes (expressam a categoria de pessoa por meio de marcadores pessoais da série II) e exprimem fenômenos que representam mudanças rápidas no estado, condição ou locação espacial de alguma entidade codificada. Enquanto que os verbos estativos são sempre monovalentes, expressam a categoria de pessoa por meio da combinação dos marcadores da série II e exprimem conceitos que abrangem desde propriedades físicas mais estáveis, até fenômenos que denotam estados temporários.

Os nomes também podem ser subdivididos em monovalentes ou divalentes conforme o número de argumentos que comportam. Os nomes monovalentes ocorrem com um argumento externo apenas e os nomes divalentes com um argumento interno e um externo. Estes, no entanto não serão apresentados detalhadamente, por não serem o tema deste artigo.

Assim, partindo destas premissas, Magalhães e Mattos (2014) apresentam uma visão diferente da anterior sobre o comportamento das palavras com semantismo adjetival em Guajá. As características morfossintáticas da língua embasam a existência de verbos estativos e da intransitividade cindida no Guajá, e não de uma classe específica de adjetivos, justificando uma nova subdivisão das classes de palavras na língua.

3. Análise de determinadas palavras qualificadoras do Guajá

Dixon (1977), afirma que nem todas as línguas possuem a classe dos adjetivos. As línguas que fazem parte do grupo que não a possui, expressam os conceitos representados pelos adjetivos através de verbos intransitivos, outras através de nomes e alguns verbos e outras línguas invocam outros meios.

⁶ A Série I de marcadores pessoais é formada por prefixos que expressam a pessoa dos argumentos agentes dos verbos transitivos e a pessoa do argumento único dos verbos intransitivos ativos. Já a Série II de marcadores pessoais é formada por clíticos, associados ao núcleo do sintagma por meio do prefixo relacional (R) e marca tanto a pessoa do argumento paciente dos verbos transitivos, como a pessoa do argumento único dos verbos intransitivos estativos, o argumento interno dos sintagmas nominais formados por nomes divalentes e o objeto das posposições.

O autor realiza seu estudo a partir da premissa de que as propriedades sintáticas de um item lexical podem ser largamente previstas a partir de sua descrição semântica. A semântica é, assim, considerada antes da sintaxe.

Sugere que os itens lexicais de uma língua pertençam a “universais semânticos” ou “tipos semânticos”. A divisão em tipos pode ser justificada em termos das propriedades morfológicas/sintáticas dos membros de cada tipo; além disso, uma definição disjuntiva não pode ser dada para o conteúdo semântico de cada um. Estes tipos seriam os universais linguísticos. Cada tipo semântico tem uma conexão básica ou “profunda” com uma única parte do discurso.

Dixon analisa diversas línguas e relata os tipos de adjetivos existentes em cada uma. Em cada língua encontrou as seguintes características: em japonês, por exemplo, há uma subclasse dos verbos, com diferentes possibilidades de flexão, que corresponde em conteúdo semântico para a classe de adjetivos em outros idiomas; na língua Dyirbal, falada no nordeste da Austrália, um adjetivo pode ter exatamente as mesmas possibilidades flexionais e derivacionais que um nome possui, a diferença entre uma classe e outra consiste na co-ocorrência com um tipo de artigo marcador de substantivo; também é possível, como descrito para a língua Telugu (língua falada por quarenta e quatro milhões de pessoas no sul da Índia), que verbos flexionem em tempo, aspecto, negação, etc. e substantivos em gênero, número e caso. Em contraste, os membros do pequeno círculo fechado de adjetivos não declinam; um adjetivo deve sempre ser imediatamente seguido por um substantivo dentro de um sintagma nominal.

Afim de verificar novamente a existência da classe de adjetivos e considerando, para tal, propostas de Dixon (1977) e Creissels (2006) no Guajá, analisamos uma pequena lista de palavras apresentada em Magalhães (2007) como “nomes qualificadores”, para verificar se tais itens lexicais, por terem um comportamento sintático diferente dos demais verbos estativos e nomes, constituiriam uma pequena classe de adjetivos da referida língua.

Os então denominados “nomes qualificadores” são descritos por Magalhães (2007) como nomes que associados a outro nome designam uma qualidade ou característica deste. Na análise aqui realizada, observou-se que tais palavras se diferenciam dos verbos estativos por ocorrerem sempre incorporadas ao nome ou verbo que modificam. Os itens lexicais que apresentam tal comportamento são: *-myn-* 'antigo/falecido', *-puhú* 'novo' (para objetos), *-marér-* 'velho' (para objetos), *-xa 'akér-* ~ *-xa 'áer-* 'velho' (para objetos/seres animados), *-ury-* 'novo' (para seres animados), *-ma'akér-* 'pequeno', *-py-* 'primeiro', *-wahy-* 'mulher/fêmea', *-wanihã-* 'homem/macho'.

35. *Xa 'ahõxika-mÿn-a* \emptyset -*inẽ* *ha-jpa-pe*
 Xa'ahõxiká-falecido-N 3.I-permanecer.sentado 3.II-casa-LOC
 'a falecida/antiga Xa'ahõxiká permanecia na casa dela'

36. *kawa-puhu-a* *a-ruku* *ta*
 vasilha-nova-N 1.I-ter PROJ

'eu quero ter uma vasilha nova'

37. ari-xa kahu r-ape-a nỹ. ha'i ra'o kahu r-ape-xa'aker-a nỹ
123.I-ver carro R-caminho-N CONJ mais.de.dois muitos carro R-caminho-velho-N CONJ
'E vimos a estrada. E tinha muitas estradas velhas abandonadas também.'

38. *awa-wahy-a* *i-kaha* *Ø-japo*
Guajá-mulher-N 3.II-rede 3.I-fazer
'a mulher Guajá faz sua rede'

39. *awa-wahy-ury-hu-a* *kaha* *ni = Ø-japo-kwa-j*
Guajá-mulher-novo-INTS-N rede NEG = 3-fazer-saber-NEG
'a mulher Guajá muito nova não sabe fazer rede'

Somente quando o nome modificado pelo qualificador não é expresso por estar subentendido no contexto, ele ocorre como predicado:

40. *i-mỹn-a*
3.II-antigo-N
'(a garrafa) é antiga!

41. *i-marer-a* *pape* *Ø-japo-ha-Ø* *kwi-a*
3.II-velho-N papel R-fazer-NZR-N aí-N
'esse lápis é velho'

42. *a 'e* *amõ* *kwa* *kurupi,* *Ø-puhu-a* *nỹ*
DEM outro MOSTR por.aqui 3.II-novo-N CONJ
'tem outra/uma (estrada) por aqui, nova também'

43. *i-xa'aker-a* *hẽ-ni* *kwe* *r-ipi* *amõ-a* *nỹ*
3.II-velho-RETR-N SING.EST-INDII ali R¹-por outro-N CONJ
'e a outra (estrada) velha abandonada está por ali'

44. \emptyset -*wahy-a* *i-pi-xũ* *ta*
 3.II-mulher-N 3.II-pele-branca PROJ
 'a (filha) mulher vai ser branca' (lit.: 'a mulher vai ter pele-branca')

45. \emptyset -*wanihã- \emptyset* *ari-ru ta* *xie,* *Marina,* *i-py-a.*
 R2-homem-N 2-trazer PROJ aqui Marina 3.II-primeiro-N
 'o (filho) homem você vai trazer aqui, Marina, o primeiro.'

Os qualificadores *-py-* 'primeiro' e *-puhú-* 'novo' podem se incorporar ao verbo e se apresentar também como modificadores temporais ao se referirem ao evento expresso pelo verbo. É possível traduzi-los como 'antes/primeiramente' e 'recentemente', respectivamente.

46. *Area* *ari-jaho-py* *ika* *iwa-pe*
 nós 123.I-ir-primeiro POS1 céu-LOC
 'nós fomos antes/primeiramente para o céu'

47. *n = a-jaho-puhu-j* *Brasi* *r-ipi*
 NEG = 1.I-ir-novo-NEG Brasília R¹-por
 'não fui recentemente à Brasília'

Os chamados “nomes qualificadores” funcionam como predicados (ex. 50), assim como os verbos (ex. 48) e os nomes (ex. 49). Em função predicativa, têm um comportamento tipicamente nominal, uma vez que ocorrem com o sufixo nominal *-a*, como os nomes.

48. *awa- \emptyset* *i-pa'aruhu* verbo estativo como predicado
 pessoa-N 3.II-estar-grávida
 'a pessoa está grávida'

49. *awa- \emptyset* *i-tamyã-a* nome como predicado
 pessoa-N 3.II-chefe-N
 'a pessoa é chefe'

50. *awa- Ø* *i-mÿn-a* “nome qualificador” como predicado
 pessoa-N 3.II-antigo-N
 ‘a pessoa é antiga’

No entanto, quando associados a outro item lexical, ocorrem sempre incorporados, seja aos nomes, modificando-os (exs.35 a 39) e também incorporados a alguns verbos, modificando-os (exs. 46 e 47). Dessa forma, diferem dos nomes e dos verbos estativos que nunca ocorrem incorporados ao núcleo nominal ou verbal.

Tal diferença pode ser constatada ao compararmos a ocorrência de um SN formado por um nome e um dependente nominal⁷ (ex. 51) que ilustra que os nomes, quando ocorrem como modificadores de outros nomes, estabelecem uma relação núcleo-dependente, sempre intermediada pelo prefixo relacional. Já um verbo, para ocorrer alterando a significação de um nome, deve ser nominalizado e figurar como núcleo do SN, também estabelecendo uma relação núcleo-dependente intermediada pelo prefixo relacional (ex. 52). Os “nomes qualificadores”, por sua vez, somente ocorrem incorporados aos nomes que eles modificam (ex.53):

51. *[[ha = Ø-mê]* *r-ipa]* nome
 1.II = R-marido R-casa
 ‘a casa do meu marido’
52. *[[i-ko]* *r-amãj-ha]* verbo estativo
 3.II-roça R-ser grande-NZR
 ‘a roça grande’ (lit. ‘a grandeza da roça’)
53. *[ha = Ø-mê-puhu]-a* “nome qualificador”
 1.II = R-marido-novo-N
 ‘meu novo marido’

O que queremos mostrar é que a associação morfossintática entre um “nome qualificador” e um nome é diferente da associação entre um verbo estativo ou um nome a outro nome.

Para sustentar essa análise, apresentaremos a seguir evidências de que os até então chamados “nomes qualificadores” ocorrem realmente sempre incorporados aos nomes e

⁷ Os colchetes representam a estrutura dos sintagmas, sempre com núcleo à direita.

verbos que modificam. A primeira evidência é a de que a oração fica agramatical se ele for deslocado, isto é, retirado do interior no nome a que está incorporado, numa relação dependente núcleo, como ilustra o ex. 55 quando comparado ao 54:

54. *ha = Ø-mẽ-puhu-ker-a*

1.I = R-marido-novo-RETR-N

'meu ex-novo marido'

55. **ha = Ø-mẽ-ke Ø-puhu-a*

Outro fato observado é o de que nunca há um prefixo relacional intermediando o nome núcleo e o “nome qualificador”, como ilustra o ex. 39 acima, reenumerado abaixo como 56, em que figuram dois “nomes qualificadores” modificando o nome *awa* ‘mulher’.

56. *awa-wahy-ury-hu-a*

kaha

ni = Ø-japo-kwa-j

Guajá-mulher-novo-INTS-N

rede

NEG = 3-fazer-saber-NEG

'a mulher Guajá muito nova não sabe fazer rede'

Além disso, somente os chamados “nomes qualificadores” podem funcionar como modificadores de verbos e para isso, também se incorporam aos verbos. Retomando o exemplo 47, retirado de Magalhães (2007), reenumerado a seguir como 57:

57. *n = a-jaho-puhu-j*

Brasi

r-ipi

Neg = 1.I-ir-novo-Neg

Brasília

R-por

'eu não fui recentemente à Brasília'

A evidência de que *puhu* está incorporado ao núcleo verbal é a de que a negação do predicado ocorre envolvendo os dois elementos lexicais.

Considerações finais

Creissels (2006:208) afirma que, com relação aos lexemas com vocação adjetival com funcionamento predicativo do tipo nominal (como é o caso do Guajá, uma vez que tais lexemas em função predicativa têm um comportamento tipicamente nominal), “a questão que se coloca é a de saber se existem critérios morfológicos ou distribucionais que permitam reconhecê-los como membros de uma categoria de adjetivos distinta da categoria de nomes” (tradução nossa).

Esse é exatamente o caso do Guajá: como predicados tais lexemas funcionam exatamente como os nomes divalentes prototípicos (flexionados pela série II de marcadores pessoais e com o sufixo -a). No entanto, quando modificadores de nomes ou verbos, somente estes lexemas ocorrem incorporados.

Após entender o funcionamento dos “nomes qualificadores” avaliando como se comportam morfossintaticamente, concluímos que tais lexemas formam uma pequena classe de adjetivos na língua, podendo ter função predicativa e também funcionar como modificadores de nomes e verbos, ao serem incorporados a esses itens lexicais. Assim, comprovou-se serem os antes intitulados “nomes qualificadores”, agora adjetivos, uma classe independente de palavras que não funciona da mesma maneira que os nomes ou os verbos, assumindo características morfossintáticas próprias para modificar ou qualificar tanto nomes quanto verbos.

Referências

CABRAL, A. S. A. C. 1996. *Algumas evidências linguísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupi-Guarani*. Moara, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras, 4:47-76. Belém: UFPA.

CREISSELS, D. 2006. *Syntaxe générale une introduction typologique 1 : catégories et constructions*. v. 1/2, Paris: Hermès – Lavoisier.

DIXON, R. M. W. 1977. *Where have all the adjectives gone? And other essays in semantics and syntax*. Berlin: Mouton.

GIVÓN, Talmy. 2001. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*. Vol. I/II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

HOPPER, P. J. & THOMPSON, S. A. 1984. *The discourse basis for lexical categories in universal grammar*. In *Language*, Volume 60, Number 4. p. 703-752.

MAGALHÃES, Marina M. S. 2007. *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua guajá (Família Tupi-Guaraní)*. 297 f. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

MAGALHÃES, Marina M. S.; MATTOS, A. C. R. de. 2014. *Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá*. Via Litterae, Anápolis, v. 6, n. 2, p. 251-284, jul./dez. 2014 - <http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/>

PAYNE, Thomas E. 2006. *Exploring Language Structure*. New York: Cambridge University Press.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1984/85. *Relações Internas na Família Linguística Tupi-Guarani*. Revista de Antropologia, vol 27/28, USP, São Paulo.